

Levantamento de unidades lexicais especializadas relativas à cura, em tratados medicinais do Brasil colonial

Survey of specialized lexical units related to healing in medicinal treaties of colonial Brazil

Carolina DOMLADOVAC SILVA*
Clotilde de Almeida Azevedo MURAKAWA**

RESUMO: Objetiva-se apresentar neste artigo um levantamento do léxico temático relativo ao domínio da cura das enfermidades que acometiam a população, no Brasil colonial, à luz da concepção de ‘termo’ da Teoria Comunicativa da Terminologia. Primeiramente, faz-se uso de um glossário já existente em uma obra do período, a fim de recolher as unidades referentes ao domínio escolhido. Em seguida, buscam-se suas definições oferecidas em três dicionários do mesmo período, e extraem-se os contextos de três documentos do século XVIII, selecionados no *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII*. Por meio da comparação entre os contextos e as definições, nota-se que, embora os lexicógrafos tenham-se utilizado de marcas linguísticas em seus verbetes, o contexto de uso, seria suficiente para que

ABSTRACT: This article aims to present a survey of the thematic lexicon concerning the domain of cure of diseases that affected the population in colonial Brazil, from the ‘term’ conception of the Communicative Theory of Terminology. Firstly, we used a glossary already existing in a work of the period, in order to collect the units related to the chosen domain. Then, we searched for their definitions offered in three dictionaries from the same period, and extracted the contexts of three documents from the 18th century, selected in the Database of the *Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII*. By comparing contexts and definitions, we noted that, although lexicographers have used linguistic marks in their entries, the context of use would be sufficient to recognize such units as terms.

* Aluna do Curso de Doutorado no Programa de Linguística e Língua Portuguesa, UNESP. Bolsista da CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1717-3560>. caroldomla@gmail.com

** Professora Assistente Doutora do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas, UNESP/Araraquara. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3815-3534>. jtm.jau@uol.com.br.

se reconhecessem tais unidades como termos.

PALAVRAS-CHAVE: Vocabulário.
Unidade lexical especializada. Cura.

KEYWORDS: Vocabulary. Specialized
lexical unit. Cure.

1 Introdução

No século XVIII, com a descoberta do ouro no Brasil, chegaram de Portugal, entre outros imigrantes, cirurgiões e cirurgiões-barbeiros. Esses, mesmo sem formação acadêmica, eram habilitados a realizar procedimentos médicos depois de dois anos de estudos práticos no Hospital de Todos os Santos de Lisboa. Assim, “a numerosa população das Minas Gerais serviu, ao longo do século XVIII, de fértil laboratório para a observação médica” (FURTADO, 2005, p. 90).

Na colônia, os cirurgiões-barbeiros tornaram-se essenciais, tendo em vista as condições precárias de vida na época. Sem aterem-se somente à tradição e às regras dos antigos, mas guiando-se pela experiência da prática médica local, destacaram-se três cirurgiões e suas obras, elaboradas com o intuito de associar o tratamento de várias enfermidades às plantas, aos animais e aos produtos da terra: Luís Gomes Ferreira, autor do *Erário Mineral* (1735), João Cardoso de Miranda, com a *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem* (1749) e José Antonio Mendes, que escreveu *Governo de Mineiros mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis e as mais das vezes mortais* (1770).

Essas três obras, representativas da realidade linguística da época, compõem o *corpus* de uma pesquisa de Doutorado, iniciada em 2018, que tem como objetivo geral organizar um estudo léxico-semântico de viés cultural, relativo ao vocabulário da cura utilizada no tratamento das enfermidades que se manifestavam nas regiões

mineradoras do Brasil colonial, e discutir os pontos de convergência/ divergência entre a Lexicografia Especializada e a Terminologia/ Terminografia.

Nosso objeto de estudo constitui uma amostra do conhecimento medicinal que se tinha à época, baseado na descrição criteriosa dos males frequentes no contexto da mineração, nas experiências de cura e na relação de medicamentos utilizados juntamente com suas respectivas funções. Nosso *corpus* oferece-se ainda como material aos pesquisadores das áreas envolvidas, já que revela um vocabulário especializado, além de refletir com detalhes a prática médica realizada por cirurgiões e cirurgiões-barbeiros.

O objetivo deste artigo é apresentar o levantamento de unidades lexicais especializadas relativas à cura das enfermidades que acometiam a população mineradora do Brasil colonial, com base em documentos do século XVIII, além de verificar, com base na concepção de ‘termo’ da Teoria Comunicativa da Terminologia, se os contextos em que ocorrem são suficientes para validar o *status* de ‘termo’ destas unidades lexicais.

Para tal, selecionamos 15 unidades lexicais presentes no glossário da reedição do tratado de nutrição *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*, escrito pelo Dr. Francisco da Fonseca Henriques (Dr. Mirandela, como era mais conhecido), médico de D. João V. Em seguida, buscamos suas definições em três dicionários da língua portuguesa, mais especificamente o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712/1728), de D. Raphael Bluteau; o *Diccionario da lingua portugueza* (1789), de António de Moraes Silva; e o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1949), do mesmo autor. Extraímos, então, seus contextos do *corpus* oriundo do *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII* (BIDERMAN; MURAKAWA, acesso restrito)¹, –

¹ O acesso restrito ao *Banco de Dados do DHPB* dá-se devido ao ineditismo do *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (BIDERMAN; MURAKAWA, não publicado), para o desenvolvimento do qual foi construído. As obras aqui utilizadas estão disponíveis *online*, por meio dos *links* arrolados nas referências bibliográficas ao final do artigo.

doravante denominado *Banco de Dados do DHPB*. E, por fim, efetuamos uma análise comparativa entre as definições e os contextos em que ocorrem.

Pretendemos, assim, contribuir tanto para as áreas das Ciências do Léxico quanto para as áreas de História, Saúde, Ciências Médicas e afins.

2 Pressupostos teóricos

A pesquisa à qual está relacionado o presente artigo prevê reflexões científicas a respeito das divergências e congruências entre os conceitos de Lexicografia Especializada e Terminologia.

Schierholz (2012), ao suscitar a discussão sobre as diferenças e semelhanças entre ambas, assume o ponto de vista de que tais atividades são paralelas tanto na prática quanto na teoria. Em contraposição, Bergenholtz e Tarp (2010) defendem a opinião de que Lexicografia Especializada e Terminografia estão em posição de equivalência enquanto única disciplina com denominações diferentes.

Por ora, no entanto, atemo-nos ao estudo da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), apresentada por Maria Teresa Cabré, que surge como uma das respostas às limitações da Teoria Geral da Terminologia (TGT), proposta por Eugen Wüster, na década de 1930.

Considerada pela autora como reducionista e idealista, a TGT supõe a uniformidade do conhecimento especializado e considera os termos independentes das línguas e culturas (CABRÉ, 1999), diferenciando, portanto, unidade terminológica (termo) e unidade lexical da língua geral (palavra).

A TCT, por sua vez, opõe-se à TGT e “considera os termos como unidades linguísticas que exprimem conceitos técnicos e científicos, mas que não deixam de ser signos de uma língua natural (geral), com características e propriedades semelhantes” (BARROS, 2004, p. 57). Acompanhando o raciocínio da autora, podemos entender por ‘termo’ a unidade léxica geralmente usada em contextos específicos:

Os termos são unidades lexicais, ativadas singularmente por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação. Compõem-se de forma ou denominação e de significado ou conteúdo. A forma é constante; mas o conteúdo se singulariza em forma de seleção de traços adequados a cada tipo de situação e determinado pelo contexto, pelo tema, pela perspectiva de abordagem do tema, pelo tipo de texto, pelo emissor, pelo destinatário e pela situação. (CABRÉ, 1999, p. 123, tradução nossa)².

Assim, à luz da TCT, fora do contexto, as unidades léxicas “não são nem *palavras*, nem *termos*, mas apenas unidades léxicas [...] o caráter de termo não se dá por si só, mas em função do uso de uma unidade lexical em um contexto expressivo e situacional determinado” (CABRÉ, 1999, p. 124, tradução nossa, grifos da autora)³.

Ressaltamos ainda a importância da ‘condição de especialização’, segundo a qual o grau de especialização de um texto baseia-se na maneira como ele veicula sua temática, condicionando tanto sua densidade terminológica, quanto a variação expressiva para referir-se a um mesmo conceito (CABRÉ, 1999, p. 89).

Desse modo, Cabré (1999) afirma que uma unidade lexical é imbuída de valor terminológico, se empregada em contexto específico.

A TCT serve-nos, assim, de subsídio teórico para estabelecer a definição do que vem a ser ‘termo’, auxiliando-nos, primeiramente, na recolha das unidades lexicais especializadas a serem analisadas em nossa pesquisa, bem como na apresentação de nosso *corpus* de análise enquanto textos de especialidades.

² “Los términos son unidades léxicas, activadas singularmente por sus condiciones pragmáticas de adecuación a un tipo de comunicación. Se componen de forma o denominación y significado o contenido. La forma es constante; pero el contenido se singulariza en forma de selección de rasgos adecuados a cada tipo de situación y determinado por el ámbito, el tema, la perspectiva de abordaje del tema, el tipo de texto, el emisor, el destinatario y la situación”. (CABRÉ, 1999, p. 123).

³ “[...] no son ni palabras ni términos, sino sólo unidades léxicas, [...] el carácter de término no se da per se, sino en función del uso de una unidad léxica en un contexto expresivo y situacional determinado” (CABRÉ, 1999, p. 124).

3 Metodologia

Partindo de um domínio mais amplo ‘cura’, definido por Bluteau (1712/1728, p. 639)⁴ como “Appliação de remedios”, e ainda, por Silva (1789, p. 504) como “O acto de curar, applicar remedios”, chegamos ao subdomínio ‘remédio’, já que este pode ser entendido como “Medicamento. Tudo q’ ferve para cobrar, ou confervar a faude” (BLUTEAU, 1712/1728, p. 232), ou ainda como “Mézinha, medicamento para reparar a saude” (SILVA, 1789, p. 593).

Assim, delimitamos nosso objeto de análise às unidades lexicais que designam remédios ou medicamentos, bem como sua composição e seu preparo, utilizados no tratamento e na cura das enfermidades, no contexto aurífero e diamantífero brasileiro do século XVIII.

Tendo em vista que já se encontravam publicados outros trabalhos relativos à medicina, concernentes ao período em questão, partimos de uma lista já existente para extrairmos as unidades lexicais.

A versão do *Âncora Medicinal* editada em 2004 serviu-nos como ponto de partida para a execução desse trabalho, uma vez que traz anexo um glossário⁵. A obra foi editada pela primeira vez em 1721, o que nos ajuda a “mostrar que em pleno século XVIII já havia uma prática médica que aparece documentada em algumas obras escritas nesse período” (MURAKAWA, 2013, p. 85).

Primeiramente, verificamos os itens lexicais elencados nesse glossário, a fim de recolhermos as unidades referentes ao subdomínio escolhido. O glossário do *Âncora*

⁴ As citações dos dicionários seguem a grafia original. No caso de Bluteau (1712/1728), por exemplo, é utilizado o sinal gráfico ‘s longo’ (f) que representa o fonema ‘s’.

⁵ Por ‘glossário’ entendemos: “Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê”. (BIDERMAN, 1984, p. 139).

Medicinal traz um total de 266 verbetes, dentre os quais selecionamos como objeto de análise 15 substantivos relativos ao domínio dos ‘remédios’, a saber: **açúcar-rosado, água-rosada, arrobe, bezoártico, cantárida, cataplasma, cocleária, cordial, emulsão, fragária, heléboro, lambedor, talhada, tanchagem e triaga.**

A seguir, fez-se necessária a consulta aos três dicionários da língua portuguesa mencionados para análise das definições das unidades lexicais, que auxiliaram na classificação destas como termos pertinentes a tal domínio.

Posteriormente, com o auxílio do *Banco de Dados do DHPB*, conferimos a ocorrência de tais unidades lexicais nas obras em questão (FERREIRA, 1735; MIRANDA, 1749; MENDES, 1770) e extraímos os trechos que contextualizam o emprego das unidades selecionadas. Tais contextos mostram que 100% delas foram encontradas no *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735), 33,3% aparecem também no *Governo de Mineiros* (MENDES, 1770) e nenhuma delas ocorre na *Prodigiosa Lagoa* (MIRANDA, 1749).

Observando-se os títulos dos tratados que integram a obra de Ferreira (1735) (quadro 1, Apêndice A), o subtítulo da obra de Miranda (1749) (quadro 2, Apêndice A) e os títulos dos capítulos que compõem a obra de Mendes (1770) (quadro 3, Apêndice A), já é possível caracterizá-las como textos de especialidade, uma vez que reúnem em sua composição unidades lexicais referentes às enfermidades, às respectivas curas e às estratégias observadas e praticadas pelos cirurgiões-barbeiros para tratar os enfermos no século XVIII.

Os quadros 1, 2 e 3 encontram-se no apêndice A, ao final do artigo. Os códigos correspondentes às fontes de referência, citadas na coluna esquerda dos quadros são os mesmos do *Banco de dados do DHPB* e foram mantidos para servirem como legenda às referências citadas nos contextos utilizados no quadro 4, a seguir.

Analizamos, então, os contextos em que ocorrem, confrontando-os com as definições presentes nos dicionários, a fim de verificar, com base nos pressupostos

teóricos mencionados, o *status* de ‘termo’ de cada unidade lexical. Para tanto, organizamos tanto um quadro com os contextos (quadro 4) quanto um outro com as definições (quadro 5). O primeiro contém um exemplo da ocorrência de cada unidade lexical selecionada, por meio de contextos extraídos do *corpus*, seguidos de suas respectivas referências. O segundo quadro traz as definições disponíveis nas obras de Bluteau (1712/1728) e de Silva (1789; 1949).

4 Resultados

Observem-se, assim, os contextos extraídos do *corpus* (quadro 4), em que ocorrem as unidades em questão. A grafia e os destaques em negrito, tal como registrados no banco de dados, foram mantidos.

Quadro 4 – Exemplos dos termos selecionados em contextos extraídos do *corpus*.

| |
|--|
| 1) Paffadas algumas horas, fe fangrará no braço correfpondente na veyda da arca , e as mais vezes neceffarias, refpeytando as forças tomará affucar rofado a toda a hora ás colheres [...]. {B00_0033, p. 284} |
| 2) [...] mas no cafo que não haja a dita manteyga nova, fe poderá renovar o tal medicamento com humas pingas de agua rofada , ou de tanchagem; ifto he por neceffidade. {B00_0031, p. 115} |
| 3) E fazendo tumor dentro, fervem as mefmas hervas cozidas no leite, e pizadas poftas por fora no peccoço: e ajuntarão no tal cozimento para gargarejar hum pouco de arrobe de amoras. {A00_2394, p. 16} |
| 4) Defte remedio fe dará ao enfermo obra de meio quartilho morno, e bem mexido primeiro o frafco: e por ajuda fe lhe botará outra tanta porfaõ; e fe continuará affim efte remedio manhã, e tarde, até fe acabar o dito remedio , ao qual fe póde juntar tambem (a querer-fe mais vigorozo) duas oitavas de bezoartico de Curvo fendo verdadeiro; que permittirá Deos fe atalhe com efte remedio a gangrena , fe não eftiyer já paffada ao Eftiomeno. {A00_2401, p. 72} |
| 5) Para os callos das fontes . Molhem hum graõ novo, antes de o meterem na fonte, na faliva da boca, e fe envolva em pós de cantaridas , e fe ufe por vinte e quatro horas, que he certo. {B00_0031, p. 150} |
| 6) Ponhaõ na raiz do nariz hum a moeda de prata, e em fima della ponhaõ a cataplafma feguinte. Pizem geffo com claras de ovos, e fe ate bem; e fe da primeyra |

vez não aproveitar, fe repita, que he supremo remedio, e parará logo o fluxo; o mesmo fe porá nos músculos temporaes, e resta. {B00_0031, p. 98}

7) [...] confeção de diatartaro reformada, e sal catartico, de cada hum tres oytavas, sal tartaro tres oytavas, antimonio diaforetico marcial, e espírito de coclearia, de cada hum duas oytavas, xarope de chicoria de Nicolao com ruibarbo tres onças, mifture-fe. {B00_0040, p. 483}

8) Que importa que os curiozos faibaõ que nas enfermidades fe vomita, fe sangra, fe purga, fe applicaõ cordiaes, fe totalmente ignoraõ quando fe deve sangrar, purgar, vomitar, &c. {A00_2390, p. 13}

9) E quando a febre for ardente, fe poderá ufar do cordeal, ou emulsaõ seguinte: Faça-fe cofimento de folhas de chicoria, e de almeyraõ, de cada huma huma maõ cheya; nelle fe desfaçaõ as quatro, fementes frias mayores, ou parte dellas [...].{B00_0029, p. 33}

10) Remedio para as chagas, que succede haver no corpo. [...] Neste medicamento morno fe molharão as pranchetas, ou fios para fe applicarem nas chagas, cobrindo-as com hum parche de emplasto eftitico de crolio, mifturado com o de manus Dei, partes iguaes, ou qualquer delles. A receyta he a que fe segue. Recip. cofimento de raiz de chicoria, grama, fragaria, douradinha, mastruços, e coclearia tres libras, sendo as hervas verdes, e sendo fecas fique o cofimento em libra, e meya [...].{B00_0040, p. 482-483}

11) João Uvalterio louva por grande remedio para os enfeytiçados a infusaõ do eleboro negro, feyta em agua de herva cidreyra. {B00_0031, p. 196}

12) [...] e não havendo a tal febre, e havendo toffe, fe adoçaráõ com lambedor de alcaçús, ou de avenca, porque feraõ mais convenientes [...]. {B00_0029, p. 31}

13) Eu já appliquey a hum icterico as talhadas do rabaõ com assucar, e houve bom succello, e tambem tenho noticia por peffoa de credito, que já faráõ dous brancos, e huma preta com o rabaõ em talhadas, ferenadas com assucar; e muyto melhor ferá com o mel. {B00_0034, p. 335}

14) Como a cauza, de que procederaõ as chagas, foy por aggravaçaõ, ou por irritaçãõ do remedio, e não por essencia, por isso mesmo consultey o remedio fresco, e deffecante brando, que affima fica referido; porque as malvas, e a tanchagem he hum remedio muyto brando, e muyto temperado, e fresco [...].{B00_0031, p. 107}

15) [...] cõe, e ajunte triaga magna, e confeição de Jacinthos; de cada hum huma onfa, mifture bem. Defte remedio fe dará ao enfermo obra de meio quartilho morno, e bem mexido primeiro o fraço [...]. {A00_2401, p. 72}

Fonte: elaborado pelas autoras.

Por meio de tais fragmentos, podemos notar indícios que nos levam a crer que as unidades lexicais selecionadas pertencem ao domínio específico dos remédios ou

medicamentos. Tais indicações aparecem grifadas, nos contextos abonados, e seguem nossa dedução advinda da indicação, posologia, composição, modo de uso, ou do próprio *denotatum*.

Segundo Murakawa (2005, p. 220), “algumas vezes, as unidades não têm registrada a marca terminológica, como acontece em Bluteau e Morais [Silva], mas a sua definição lexicográfica nos permite classificá-las como um termo”. Assim, relacionamos no quadro a seguir (quadro 5) os termos e suas respectivas definições, extraídas dos dicionários consultados, a fim de ilustrar a afirmação da autora. A grafia e os destaques em itálico registrados nos dicionários foram mantidos.

Consideramos as marcas linguísticas presentes em alguns dos verbetes dos dicionários consultados, as quais nos serviram de parâmetro, na medida em que, à época, já apontavam que tais unidades eram classificadas como unidades lexicais especializadas ou como ‘termos’, e que, portanto, pertenceriam a uma linguagem especializada.

Apenas para o verbe **água-rosada** citamos a versão mais moderna do dicionário de Silva (1949), uma vez que não encontramos sua definição nos outros dicionários consultados.

Quadro 5 – Definições dos termos selecionados.

| |
|--|
| 1) AÇUCAR ROÍADO. <i>Saccharum rofaceum</i> . (BLUTEAU, 1712/1728) |
| 2) AGOA ROÍADA. <i>Aqua rofacea</i> . <i>Plauto</i> . (BLUTEAU, 1712/1728) <hr/> Água rosada , <i>s.f.</i> Líquido perfumado, proveniente das pétalas das rosas: “O axitodino... se faz de óleo rosado e <i>água rosada</i> com umas gotas de vinagre”, Morato, <i>Luz da Medicina</i> , II, 7. (SILVA, 1949) |
| 3) ARROBE. Arrôbe. Derivase do Arabico <i>Errubun</i> , que val o mesmo que Terça parte. Porque o mofto, que he a materia, da qual se faz arrobe, fica na terça parte, mingoado das duas. He pois arrobe, vinho cozido ao fogo, com que se aduba outro vinho. (BLUTEAU, 1712/1728) |

ARRÒBE, s.m. Vinho mosto cozido ao fogo, e reduzido a uma terça parte menos, para temperar outro vinho, ou para beber-se. § Conserva de summos de fructas, v.g. de amoras, romans, engrossado com assucar; especie de geléa doce. (SILVA, 1789)

4)

BESOARTICO, befoártico. (Termo de Medico) O remedio, em que entra pedra bazar, ou qualquer outro genero de antidotos, & contrapeçonhas. *Vid.* Antidoto. A fettima, que os fudorificos, & *Befoarticos* fe continuem. Curvo Tratado da peste, pag. 50. (BLUTEAU, 1712/1728)

BEZOÁRTICO, s.m. Medicamento composto da pedra bazar. (SILVA, 1789)

5)

CANTARIDA, ou Cantharida. Derivafe do Grego, *Cantaros*, em Latim, *Scarabeus*, porque querem, que *Cantaridas* fejaõ especie de *Efscaravelho*; & que como diminutivo de *Cantaros*, valha o mefmo; que *Efscaravelho pequeno*. [...] As *Cantaridas* tem virtude de queimar, & fazer bexigas. Recopil. da Cirurg. pag. 270. (BLUTEAU, 1712/1728)

CANTÁRIDA, s.f. Insecto, cujo pó provoca a urina, usado na Farmácia. (*Cantharis, idis*). (SILVA, 1789)

6)

CATAPLASMA. (Termo da Cirurgia.) Derivafe do Grego *Cataplastein*, que val o mefmo, que untar, & cobrir por cima. [...] Cataplasma tambem fe chama hum medicamento, composto de ervas, rayzes, flores, &c. que despois de cozidas, pizadas, & coadas, & amaffadas com farinha, ou incorporadas com oleos fe reduzem a huma confistencia molle para emplastos, que fervem de resolver, ou digerir, ou alimpar, aqueantar, defecar, fomêtar alguma parte do corpo, & mitigar as dores. Por fer esta Cataplasma a modo de papinhas, chamaõlhe alguns, *Pulticula*, & *Fem*. (BLUTEAU, 1712/1728)

CATAPLÁSMA, s.f. t. de Med. Emplasto, que se applica ao corpo, talvez para unir os beiços das feridas. § Há também cataplasmas, feitas de plantas, farinhas, polpas, unguentos, flores, frutos, gommas, pós, &c. (SILVA, 1789)

7)

COCHLEÁRIA, s.f. Herva medicinal. *Farmac.* (o *ch* como *k*). (SILVA, 1789)

8)

CORDIAL. Remedio para o coração. *Remedium cordi utile, cordi conveniens, cordi auxilians, tis.* Plin. Hist. (BLUTEAU, 1712/1728)

CORDIÁL, s.m. Remedio, que conforta o coração. (SILVA, 1789)

9)

EMULSAM, Emulfaõ (Termo de Medico) Derivafe do latim *Emulgere*, que val o mefmo, que *Mungir*. Diz-se de alguns remedios liquidos, que se tirão de amendoas, & fementes

frias, pifadas em almofariz, & que arremedão a côr, & a confitencia do leyte. *Emulfio, onis. Fem.* Não he Latino, mas he ufado dos Medicos. Lambedores, feytos da *Emulfaõ* das pevides de Melão. Correccão de abuf. 264. (BLUTEAU, 1712/1728)

EMULSÃO, s.f. t. de Farm. Bebida para refrescar, de cor e consistencia próxima ao leite. (SILVA, 1789)

10)

FRAGARIA. Fragâria. A Silva, que dá morangos. Derivafe do Latim *Fragrare, Cheirar bem*, porque o fruto, que dá tem bom cheiro. [...] A folha da Fragaria he aperitiva por uninas, & gente no ventre. *Fragaria, & Fem.* [...] De folhas de Avenca e *Fragaria* huma oitava. Curvo, obfervac. Medic. 110. (BLUTEAU, 1712/1728)

FRAGÁRIA, s.f. A planta que dá morangos. (SILVA, 1789)

11)

ELLEBORO, Elléboro. Erva, que tem notavel virtude para purgar os humores melancolicos. *Helleborum, i. Catull. Hic helleborus, i.* [...] Homem louco, que neceffita de elleboro, por quanto esta erva he remedio contra a loucura. [...] Há dous generos de *elleboro* branco, & negro. A raiz do *Elleboro* cozida com vinagre fara a farna leprofa. Gabr. Grisl. Nos Defeng. pag. 75. verf. (BLUTEAU, 1712/1728)

ELLÉBORO, s.m. Planta medicinal, e a sua gomma, que é purgante forte; deste remedio usavão para curar os doidos, e o das Anticiras era o mais celebrado para isso. (*elleborum*). (SILVA, 1789)

12)

LAMBEDOR. Composição pharmaceutica, de mediana confitencia, entre xarope, & a dos julepes electuarios moles, affim chamada, porque o enfermo, que o deixa ir deslizando-se pouco, & pouco pela garganta, não o bebe propriamente, mas em certo modo lambe-o. (BLUTEAU, 1712/1728)

LAMBEDÒR, s.m. § t. de Farmac. Especie de xarope, ou julepe: v.g. lambedor de *violas*; &c. (SILVA, 1789)

13)

TALHADA. (Termo Pharmaceutico.) São os pós de huns medicamentos, mifturados com açucar, delido em licor cõveniente; põem fe ao lume, & depois fobre hũa taboa, para lhes dar fórma folida, & figura, a qual ordinariamente he quadrada. Ha de duas castas. *Talhadas alterativas*, que faõ Bezoarticas, com pedra Bazar feytas em pó, ou Cephalicas, & peytoraes; & *Talhadas purgativas*, que fe fazem com pós purgativos, como faõ os Electuarios folidos de Diacarthamo, çumo de rofas, &c. (BLUTEAU, 1712/1728)

TALHÁDA, s.f. Porção cortada de outra coisa: *v.g. huma talhada de doce, de queijo; talhadas de marmello de conserva; de certos remedios solidos em talhadas.* (SILVA, 1789)

14)

TANCHAGEM. Herva conhecida. Ha de muitas espécies. As tres mais ufadas na Medicina, faõ *Plantago maior, Plantago media, & Plantago minor. Plantago, ginis. Fem. Plin. Hift.* (BLUTEAU, 1712/1728)

TANCHÁGEM, s.f. Herva vulgar; *plantago.* (SILVA, 1789)

15)

THERIÁGA, ou Triaga. Derivafe do Grego *Thir*, ou *Thirion*, nomes que valem o mefmo, que *Fera*; trocícos de *Vibora*, (Serpente a que Andromaco chama *Therion*, ou *Fera*) faõ a bafe defte medicamento, & he excellente contra mordeduras, & picadas de bichos venenosos: [...] He a Triaga hũa espécie de Opiato, compofito de medicamentos quentes, em que entrão feffenta & tres ingredientes, fem fallar no vinho, & no mel. Serve de curar doenças procedidas de frialdade, & debilitação do calor natural, como faõ Paralyfia, Apoplexia, Epilepfia, Lethargia, &c. Andromaco, medico do Emperador Nero, inventor da Theriaga, defcreveo a compofição della em verfos Elegiacos debayxo do nome de Galeno, que fegundo a etymologia Grega defta palavra, val o mefmo que *Tranquillo*, & com efte nome quiz Nicomaco fignificar que com efte remedio ficavão aliviados, foífegados, & *Tranquillos*, os que padecião graves doenças. *Theriaca, æ. Fem. Ou Theriace, es. Fem. Plin.* (BLUTEAU, 1712/1728)

TRIÁGA, s.f. Remedio contra veneno. (SILVA, 1789)

Fonte: elaborado pelas autoras.

Observando as definições propostas por ambos os lexicógrafos (BLUTEAU, 1712/1728; SILVA, 1789; 1949) podemos perceber algumas marcas linguísticas inseridas ora na macroestrutura, ora na microestrutura dos verbetes, o que contribui para o entendimento de tais unidades como termos. Tais marcas são formas de assinalar ao leitor as restrições de uso da palavra-entrada. Tradicionalmente, aparecem abreviadas e precedem a definição ou acepção. Passamos à análise dos verbetes e à identificação de tais marcas.

O primeiro verbe de nossa relação, **açúcar rosado**, aparece somente no dicionário de Bluteau (1712/1728) e traz apenas o equivalente em latim, o que, embora seja um indício, não nos permite afirmar que se trate de um termo relativo ao domínio

da farmácia. Nesse caso, é o contexto encontrado em nosso *corpus* (exemplo 1, quadro 4) que revela o significado de medicamento, uma vez que é prescrito para ser consumido por via oral, de hora em hora.

Água-rosada é abonada por Silva (1789) por meio de um excerto da obra *Luz da Medicina* (1672), de Francisco Morato Roma, médico português, o que sugere tratar-se de um termo do domínio considerado, já que encontrado em contexto de especialidade. Além disso, o exemplo 2 (quadro 4) demonstra que **água-rosada** é substância medicamentosa.

Embora as definições de Bluteau e Silva para **arrobe** não deixem clara a ideia de que a unidade lexical pertence ao domínio da farmácia, podemos notar pelo exemplo 3 (quadro 4) que o ingrediente é utilizado na composição de um remédio indicado à cura de um tumor.

Para **bezoártico**, Bluteau utiliza a marcação “Termo de Medico” e Silva o considera “medicamento”. O exemplo 4 (quadro 4) também comprova tratar-se de um composto medicamentoso.

Em **cantárida**, Bluteau traz uma abonação retirada da *Recopilaçam de Cirurgia* (1661), de Antonio da Cruz, dando indícios de que tal substância pode ser utilizada como remédio ao tratar de suas virtudes, enquanto Silva afirma que o pó é “usado na Farmácia”. O exemplo 5 (quadro 4) mostra que o pó de **cantárida** é utilizado como tratamento para “callos das fontes”.

O termo **cataplasma** é marcado por Bluteau como “Termo da Cirurgia”, e também em sua microestrutura por “medicamento”; e por Silva, pela abreviatura “t. de Med.” – interpretada como termo de médico, de acordo com o índice de abreviaturas presente no primeiro volume da obra –, bem como, em sua microestrutura, por “emplasto”. No exemplo 6 (quadro 4), **cataplasma** também é considerado “fupremo remedio”.

Cocleária, encontrada somente no dicionário de Silva, é definida como “erva medicinal”, além de trazer a marca “*Farmac.*”, remetendo o termo ao domínio da farmácia. O exemplo 7 (quadro 4) indica o preparo de um composto, do qual **cocleária** é um dos ingredientes.

Ambos os lexicógrafos definem **cordial** como “remédio”, e o exemplo 8 (quadro 4) deixa clara a ideia de que **cordial** é aplicado a enfermidades.

Emulsão, em Bluteau, refere-se a “remédio”, além de trazer a marcação “Termo de Medico”, enquanto que, em Silva, não é definida como tal, mas traz a marcação “t. de Farm.” – termo de Farmácia, por interpretação nossa. A ideia de tratamento indicado à febre ardente aparece no exemplo 9 (quadro 4).

Nas definições de ambos para **fragária** não notamos nenhuma marca específica, mas tanto pelo contexto em que aparece em nosso *corpus* (exemplo 10, quadro 4), como pela referência de Bluteau às *Observações Medicas, Doutrinaes de casos gravissimos* (1707), de João Curvo Semedo, podemos notar que a unidade foi empregada em contexto específico, sendo assim, ativada como termo.

Em **heléboro**, ambos utilizam “remédio” em suas definições, além do exemplo 11 (quadro 4) classificá-lo como composto da infusão indicada como “remedio para os enfeytiçados”.

Para **lambedor**, Bluteau dá a definição de “composição farmacêutica”, enquanto Silva insere a marcação “t. de *Farmac.*”. O contexto (exemplo 12, quadro 4) revela a indicação da substância em caso de “toffe”.

Embora Silva não traga nenhuma marca linguística para **talhada**, Bluteau o faz mediante a marcação “Termo Pharmaceutico”. O contexto (exemplo 13, quadro 4) pode sugerir tratar-se de remédio, uma vez que a **talhada** (de rábano, no caso) é aplicada à icterícia, doença que se manifesta na pele.

Tanchagem é definida por ambos como erva, e seu uso medicinal é indicado por Bluteau, além de ser explicitamente denominada “remédio” no contexto retirado de nosso *corpus* (exemplo 14, quadro 4).

Por fim, na microestrutura do verbete **triaga**, de ambos os lexicógrafos, aparece “remédio” como definição, e o exemplo 15 (quadro 4) indica-a como parte da composição de um remédio.

5 Considerações finais

Ao longo desse trabalho pretendemos apresentar um levantamento do léxico temático relativo ao domínio da cura das enfermidades que acometiam a população, no Brasil colonial, a partir de documentos do século XVIII, além de verificar, com base nos pressupostos da TCT, se os contextos em que ocorrem são suficientes para validar o *status* de ‘termo’ das unidades lexicais arroladas.

Cumprimos nosso propósito por meio da seleção e da análise de 15 unidades lexicais retiradas de um glossário, presentes também em nosso *corpus* de estudo.

Considerando as unidades lexicais selecionadas para nosso trabalho, pudemos notar, por meio da comparação entre os exemplos retirados de contextos maiores e as definições presentes em obras de referência de cunho histórico, que, embora muitas vezes os lexicógrafos tenham-se utilizado de marcas linguísticas, na macro ou na microestrutura de seus verbetes, somente o contexto já seria suficiente para que reconheçêssemos tais unidades como termos.

O verbete **açúcar-rosado** (quadro 5, verbete 1), por exemplo, encontrado somente no *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Bluteau (1712/1728), não oferece marcas ou abonações que possam caracterizar a entrada do verbete como um termo, é definido somente por seu nome científico. Assim, apesar de não trazer traços semânticos, fornece o termo científico equivalente, dando um indício de que se trata de um termo

pertencente ao discurso científico. Mas é o contexto do exemplo (quadro 4, exemplo 1) que confere à unidade o valor de termo relativo ao domínio da farmácia.

Ademais, tais resultados, atrelados ao grau de especialização dos textos que perfazem nosso *corpus* de análise, comprovam que tais unidades lexicais são imbuídas de valor terminológico, uma vez que empregadas em contexto específico.

Referências Bibliográficas

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. LSP Lexicography or Terminography? The lexicographer's point of view. *In*: FUERTES-OLIVERA, P. A. (org). **Specialised Dictionaries for learners**. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 27-37.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (coord.). **Banco de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/FCLAr, acesso restrito. Disponível em: <https://corpus-one.fclar.unesp.br/philologic/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (org.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/FCLAr. Não publicado.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 03 jun. 2020.

CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: IULA/UPF, 1999. DOI <https://doi.org/10.1075/tlrp.1>

FERREIRA, L. G. **Erário mineral**. FURTADO, J. F. (org.). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais (Coleção Mineiriana); Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788575412404>. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ypf34>. Acesso em: 03 jun. 2020.

FERREIRA, L. G. **Erário Mineral**. Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues, 1735.

FURTADO, J. F. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 41, p. 90-105, jul./dez. 2005. Disponível em:

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=951&op=1>.

Acesso em: 03 jun. 2020.

HENRIQUES, F. da F. **Âncora Medicinal**: para conservar a vida com saúde. Lisboa Oriental: Officina Augustiniana, 1731. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books/about/Ancora_medicinal_para_conservar_a_vida_c.html?id=5j3nBk-](https://books.google.com.br/books/about/Ancora_medicinal_para_conservar_a_vida_c.html?id=5j3nBk-eYgkC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)

[eYgkC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Ancora_medicinal_para_conservar_a_vida_c.html?id=5j3nBk-eYgkC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 03 jun. 2020.

HENRIQUEZ, F. da F. **Âncora Medicinal**: para conservar a vida com saúde. Texto modernizado por Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Sílvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

MENDES, J. A. **Governos de mineiros**: mui necessário, para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortais. FILGUEIRAS, C. A. L. (org.). Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro (tesouros do arquivo), 2012. Disponível em: <https://fliphtml5.com/hdyki/gpci/basic>. Acesso em: 03 jun. 2020.

MENDES, J. A. **Governo de mineiros**: mui necessário, para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e as mais das vezes mortais. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1770.

MIRANDA, J. C. de. **Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem**.

Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1749. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7232>. Acesso em: 03 jun. 2020.

MURAKAWA, C. de A. A. Vocabulário das enfermidades em documento do Brasil Colonial: o relato de Prodigiosa Lagoa (1749). In: MURAKAWA, C. de A. A.; NADIN, O. L. (org.). **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. Série Trilhas Linguísticas, n. 22. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2013. p. 83-101.

MURAKAWA, C. de A. A. Terminologia e marcas terminológicas na Lexicografia Portuguesa de Setecentos: D. Raphael Bluteau e António de Moraes Silva. *In*: MARQUES, M. A.; KOLLER, E. (org.). **Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2005. p. 217-230.

SCHIERHOLZ, S. Lexicografia de Especialidade e Terminografia. *In*: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, v. 6, Campo Grande: EdUFMS, 2012. p. 371-396.

SILVA, A. de M. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1755/1824)**. Lisboa: Confluência, 1949.

SILVA, A. de M. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>. Acesso em: 03 jun. 2020.

APÊNDICE A – Divisão das obras que compõem o *corpus* de análise

Quadro 1 – Tratados do *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735).

| Fontes de referência | Títulos dos tratados |
|----------------------|---|
| B00_0029 | TRATADO I: DA CURA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS |
| B00_0030 | TRATADO II: DAS OBSTRUCÇOENS |
| B00_0031 | TRATADO III: DA MISCCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS AUTORES E CURIOZOS PARA VARIEDADE DE DOENÇAS |
| B00_0032 | TRATADO IV: DAS DESLOCAÇOENS, E FRACTURAS |
| B00_0033 | TRATADO V: DA RARA VIRTUDE DO OLEO DE OURO, DAS MUYTAS ENFERMIDADES, PARA QUE SERVE, E OBSERVAÇOENS DE CURAS EXCELLENTÍSSIMAS, QUE COM ELE TEM FEITO ASSIM O AUTOR, COMO OUTROS PROFESSORES |
| B00_0034 | TRATADO VI: DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS PARTICULARES, QUE O AUTOR FAZ MANIFESTOS, E QUAES SÃO |

| | |
|----------|--|
| B00_0035 | TRATADO VII: DOS FORMIGUEYROS E OUTRAS DOENÇAS COMMUAS NEFTAS MINAS |
| B00_0036 | TRATADO VIII: DA ENFERMIDADE, A QUE CHAMAÕ CORRUPÇÃ DO BICHO, fUAS CAUÍAS, fEUS fINAES, E fEUS PROGNOÍTICOS, fUA CURA, E fUAS OBIERVAÇOENS |
| B00_0037 | TRATADO IX: DOS RESFRIAMENTOS, fUAS CAUÍAS, fEUS fINAES, PROGNOÍTICOS, E fUA CURA |
| B00_0038 | TRATADO X: DOS DANOS, QUE FAZ O LEYTE MELADO, AGUA ARDENTE DE CANA, E ADVERTENCIAS PARA CONfERVAÇÃ DA fAUDE |
| B00_0039 | TRATADO XI: DOS VENENOS, E MORDEDURAS VENENOÍAS |
| B00_0040 | TRATADO XII: DO EÍCORBUTO, OU MAL DE LOANDA, fEUS fINAES, E O fEU UNICO REMEDIO |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 2 – Subtítulo da *Prodigiosa Lagoa* (MIRANDA, 1749).

| Fonte de referência | Subtítulo |
|---------------------|---|
| B00_0023 | NOTICIA DO DESCOBRIMENTO DA LAGÔA GRANDE, VIRTUDE DAS fUAS AGUAS, E DAS CURAS, QUE EÍTÁ FAZENDO |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quadro 3 – Capítulos do *Governo de Mineiros* (MENDES, 1770).

| Fontes de referência | Títulos dos capítulos |
|----------------------|---|
| A00_2391 | CAPITULO I - EM QUE fE MOfTRA A ORDEM, QUE fE HA DE fEGUIR EM QUALQUER OBRA |
| A00_2392 | CAPITULO II - DA ERIZIPELA: COMO fE DEVE CURAR; E COM QUE REMEDIOS |
| A00_2393 | CAPITULO III - DO EDÊMA |
| A00_2394 | CAPITULO IV - DO SCIRRO |
| A00_2395 | CAPITULO V - DO CARBUNCULO |
| A00_2396 | CAPITULO VI - DAS FERIDAS EM GERAL |
| A00_2397 | CAPITULO VII - DAS FERIDAS INCIZAS |
| A00_2398 | CAPITULO VIII - DAS FERIDAS FEITAS COM INfTRUMENTO PERFURANTE |
| A00_2399 | CAPITULO IX - DAS FERIDAS DE NERVOS |
| A00_2400 | CAPITULO X - E I DA MEDICINA: DO PLEURIZ |

| | |
|----------|---|
| A00_2401 | CAPITULO XI - DOS CURÍOS DE SANGUE |
| A00_2402 | CAPITULO XII - DAS OBSTRUCIÕES |
| A00_2403 | CAPITULO XIII - DOS ÍTERÍMOS |
| A00_2404 | CAPITULO XIV - DA INFECÇÃO EÍCROBUTICA, OU MAL DE LOANDA |
| A00_2405 | CAPITULO XV – E ULTIMO DEÍTA OBRA, EM QUE VOS QUERO NOTICIAR MUITOS REMEDIOS PARA VARIAS QUEIXAS, E O MODO COMO OS DEVEIS UZAR, E DEÍCOBRIRVOS ALGUNS ÍEGREDOS, COM OS QUAES TENHO FEITO BOAS CURAS, E TODOS BEM EXPERIMENTADOS |

Fonte: elaborado pelas autoras.

Artigo recebido em: 18.01.2020

Artigo aprovado em: 21.06.2020